

VILMA ARÊAS

# Vento sul

*ficções*



---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Vilma Arêas

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*O título da parte 4 deste livro, “Garoa, sai dos meus olhos”, é o verso final do poema “Garoa do meu São Paulo”, de Mário de Andrade.*

*Capa*

warrakloureiro

*Foto de capa*

<completar>

*Ilustrações do miolo*

Página 11: *Fragments de um poema de Vilma Arêas*, de Gerty Saruê

Página 89: *Fausto*, de Sérgio Sister, 1983, técnica mista,

óleo sobre tela, 1.70 x 1.50 cm. Reprodução © Renato Parada

*Edição*

Heloísa Jahn

*Revisão*

Adriana Cristina Bairrada

Jane Pessoa

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

*Un pastor se encuentra con un lobo.*

*— ¡Qué hermosa dentadura tiene usted, señor lobo! — le dice.*

*— ¡Oh! — responde el lobo — mi dentadura no vale gran cosa, pues es una dentadura postiza.*

*— Confesión por confesión, entonces — dice el pastor —; si su dentadura es postiza, yo puedo confesarle que no soy pastor: soy oveja.*

*(Fábula de Braulio Arenas)*

# Sumário

## 1. MATRIZES

Thereza, 15

República Velha, 20

Linhas e trilhos, 26

Zeca e Dedeco, 34

O rio, 40

Encontro, 46

## 2. CONTRACANTO

À queima-roupa, 51

Persistência da memória, 53

Habitar, 55

Caçadas, 58

Canto noturno de peixes, 61

### 3. PLANOS PARALELOS

Lugar-comum, 65

Nem todos os gatos, 68

A dialética dos vampiros, 73

No fundo do rubi, 78

Fulana, 83

### 4. "GAROA, SAI DOS MEUS OLHOS"

A letra Z, 91

Paixão de Lia, 95

Sister 1982, 100

O vivo o morto: anotações de uma etnógrafa, 105

Agradecimentos, 109

Nota do editor, 110

## 1. MATRIZES

# Thereza

Ela era *mignon*, com extraordinários olhos castanhos, pernas sulcadas por varizes azuis e barriga flácida, consequência dos dezesseis filhos que deu à luz desde os quinze anos, quando se casou. O ano, 1902. O noivo era Vincenzo Sciamarella Sant'Anna, um enérgico calabrês que aqui aportou em 1898 e se dedicou ao comércio. Quando morreu em 1931, aos cinquenta e seis anos, deixou uma rede de agências de jornais e revistas espalhadas por vários estados.

Ela ficou viúva aos quarenta e quatro, já considerada velha. Vivia trancada numa casa comprida cheia de corredores à beira do Paraíba do Sul, com os filhos menores e uma parenta agregada, que a acompanhava à missa aos domingos. Era seu único passeio previsível.

Impossível justapor essa mulher já sem frescor ao retrato da jovem esbelta de rosto fino e cabelos escuros, com blusa de renda e fita de veludo, ao lado do marido e rodeada por seus primeiros filhos, que já eram seis. Devia contar então vinte ou

vinte e um anos. Os únicos traços reconhecíveis eram o silêncio e o ar distante flagrado pela objetiva. Thereza era assim.

Tinha nascido na terceira classe de um navio de imigrantes que fazia a rota Itália-Brasil. A mãe morreu no parto e ela foi criada por uma amiga da família ou por alguma parenta, os dados não são precisos. Certamente por isso lhe deram o nome da mãe.

Nenhum dos dezesseis filhos herdou seu nome de família, Grimoni, e é raro que ele apareça grafado certo, ora é Glimoni, ora Grimone. Não aparece também nos documentos o nome de sua mãe, Thereza Forlage, somente o do pai, Giovanni Grimoni.

Um de seus filhos, a quem deu o nome do marido, nasceu de pé. Disse que levou uma semana inteira fazendo ninho, torturada nas dores do parto. Depois disso, esteve a vida inteira sobressaltada ao se lembrar das palavras da parteira.

Se ele abrir os braços, adeus. Nem um, nem outro.

Thereza trabalhava mais do que falava. Morava numa chácara e desde manhãzinha cuidava das hortas e das bananeiras, que cresciam em cachos nas touceiras e que além de bananas forneciam pétalas duras, transformadas em barcos vermelhos pela criançada. Pareciam envernizados. Às vezes colocavam dentro deles pequenas flores do mato, simulando passageiros, marujos. E apostavam corrida com seus barcos, na época das enchentes ou enxurradas.

Ela vendia as bananas acumuladas num quarto forrado de cimento, pegado à casa. Certamente pela ocupação, uma de suas grandes preocupações era o vento sul, que trazia ventania e chuvarada, arrancando planta, estragando a terra. A um marulhar mais violento da folhagem, ao gorgolejar mais alto do rio, levantava a cabeça, investigando o céu, o rosto fechado.



Amanhã vamos ter friagem e vento sul. O nordeste já está virando. Amanhã, crianças, cuidado com o pé na poça.

Gostava também da criação, galinhas e porcos. Dia de matança de porco era dia de festa, salvo pelos gritos lancinantes do animal.

Do serviço de dentro, cozinhar e limpar, não gostava. Deixava para as filhas mais velhas ou para as empregadas, garotas em geral negras, descendentes de escravos, que enxameavam nas casas pobres da beira-rio.

A uma neta que vivia sempre zanzando por perto ela ensinou a pilar o café colhido na chácara. Colocou tijolos no chão para lhe dar altura e segurou com ela a mão rija do pilão, batendo, subindo e descendo, para lhe transmitir o ritmo do trabalho.

Também lhe ensinou o enxágue correto das roupas, porque a menina enchia a bacia de anil.

Por que faz assim? Não presta atenção?

A menina custou a responder, encabulou.

Acho bonito.

Boniteza não põe mesa. Fica tudo sujo de azul.

Dizem que Thereza era calma e de bom gênio, mas essas avaliações não são nada confiáveis quando a pessoa em pauta não tem nenhuma carta na manga ou espaço de manobra.

Foram raras e salteadas as confidências, sempre impressionantes.

Disse que era fácil enlouquecer e que ela mesma tinha chegado perto disso em duas ou três ocasiões. A primeira, quando morreu um filho pequeno, de febres. Ela enrolou a criança no cobertor colorido e a embalou dias e noites, até que desconfiaram e arrancaram a criança de seus braços, dando um fim nela. Depois, quando perdeu num curto espaço de

tempo o marido, de um erro médico, a filha mais velha, por suicídio, sem nenhuma explicação, e um dos filhos, afogado. Disse que andava pela chácara fora de si, dia e noite, sem dormir nem comer, chorando e gritando, sem se desviar dos galhos, ferindo o corpo, penando. Depois ficou quieta lendo e relendo a carta que Vincenzo lhe escrevera de Belo Horizonte vinte dias antes da morte. Começava com “Saudações” no alto da página. E depois, “Caríssima Esposa”. Na letra bonita e muito desenhada, comunicava que ia se operar e que se Deus quisesse ia ficar livre “dessa moléstia”. Estava com um tumor na nuca. Informava o preço da operação. Enviava lembranças a todos. “Queira aceitar um abraço de seu esposo que lhe estima”.

Mas Deus não quis. Vincenzo morreu e ela tentava imaginar inutilmente o que estava fazendo enquanto ele escrevia aquela última carta.

Dias depois o atestado de óbito dizia “morte por diabetes-anthiax da nuca-acidose”. Não dava para entender quase nada. Aquelas palavras queriam dizer exatamente o quê? Ninguém explicou.

Passou a olhar muito uma foto no cemitério, vestindo luto fechado, a cabeça coberta por um véu, colocando flores no túmulo. Achava que tanto desespero não ia passar jamais. Mas passou, levado pelo tempo. Então ela tocou a vida, plantando, cuidando dos bichos.

Quebrou o silêncio um dia, quando uma jovem da família se separou do marido. E perguntou.

Mas por quê? Um homem tão bonito, tão preparado.

A moça atalhou. A gente não se amava mais.

A surpresa acendeu, violenta, os olhos castanhos. Não se conteve.

Então o amor é necessário?

Houve um longo silêncio.

Talvez Thereza tivesse pensado em dizer à moça um dos ditados que mais gostava de repetir: quem é cativo não ama.

Mas não disse.